

## Chamada de Trabalhos

Jornalismos e mundos sociais

Data de publicação da chamada: 15 de outubro de 2017

Data final de submissão dos artigos: 15 de março de 2018

### Coordenadores do dossiê:

Joël Langonné (Université de Rennes 1, França): [joel.langonne@gmail.com](mailto:joel.langonne@gmail.com)

Seth C. Lewis (University of Oregon, EUA): [sclewis@uoregon.edu](mailto:sclewis@uoregon.edu)

Fábio Henrique Pereira (Universidade de Brasília, Brasil): [fabiop@gmail.com](mailto:fabiop@gmail.com)

Olivier Tredan (Université de Rennes 1, França) : [olivier.tredan@univ-rennes1.fr](mailto:olivier.tredan@univ-rennes1.fr)

Este número da revista *Sobre jornalismo – About Journalism – Sur le journalisme*–, busca instaurar o debate sobre as contribuições do conceito de *mundo social*, na forma como ele foi formalizado pela perspectiva do interacionismo simbólico (Cefai, 2015), ao estudo do jornalismo.

Segundo essa abordagem, os atores sociais estão engajados em atividades coletivas baseadas em redes de colaboração organizadas a partir de *convenções* (Becker, 1982). “*As atividades rotineiras coletivas criam sistemas de interações relativamente estáveis que agem como referências que guiam as ações futuras*” (Gilmore, 1990, p. 151). Neste caso, “*pertencer a todos esses mundos sociais implica em engajamentos variados de ordem geral que ultrapassam os engajamentos específicos e são facilmente perceptíveis nem escritórios, instituições, organizações, cliques e especialidades que se relacionam com o mundo social*” (Strauss, 1992a, p.173).

No artigo “*Perspectivas em termos de mundo social*”, Anselm Strauss explica que “*os mundos sociais ocorrem em qualquer tipo de domínio*” (Strauss, 1992b, p. 272). A noção de mundo social serial, assim, mobilizada para o estudo do teatro, da fotografia, da música (Cf. Gilmore, 1990)... e do jornalismo. Dessa forma, à semelhança dos *Mundos das Artes* (Becker, 1982), existiriam “*mundos do jornalismo*”, organizados a partir da atividade jornalística – o que Strauss chama de “*atividade primária* (1992b, p. 273), e Becker de “*atividade cardial*” (2006, p. 41). Elas agrupam “*todas as pessoas cujas atividades são necessárias à produção de obras particulares que esses mundos (e eventualmente outros) definem como [jornalismo]*” (p. 58). Essa abordagem é um convite a abrir a análise de uma atividade coletiva ao conjunto de atores, próximos ou distantes, que intervêm no processo de produção, de circulação e de consumo da informação. Trata-se, portanto, de dar inteligibilidade às maneiras de fazer, às identidades em presença, aos cruzamentos entre mundos, às cooperações e às negociações (Lewis e Zamith, 2017; ver também Lewis e Westlund, 2015).

Em sua aplicação às pesquisas em jornalismo, o conceito de mundo social foi adaptado, confrontado, enriquecido por outras abordagens teóricas em função dos objetos, dos interesses do pesquisador, de suas afinidades com outras abordagens teóricas, como a sociologia dos vínculos de Hennion, a sociologia latouriana, os estudos culturais, o pragmatismo, entre outros.

Esta chamada se articula em três eixos, que gravitam de forma complementar em torno da noção de mundo social. A primeira proposição traz uma questão bastante comum na sociologia beckeriana “quem faz o quê?” (Becker, Pessin, 2006, p. 178) dentre aqueles que integram os mundos dos jornalistas. Ou, de forma mais precisa: **“Quem faz o quê, a partir de quais convenções?” (EIXO 1)**. Na verdade, se seguirmos as proposições de Becker, todos os atores dos mundos dos jornalistas seriam integrados em uma rede em que cada um cooperaria por meio de *convenções*; que *“facilitam a atividade coletiva e permitem economias de tempo, de energia e de outros recursos”* (Becker, 2006, p. 59). As convenções enquadram de maneira informal a cooperação entre as pessoas nos diferentes mundos dos jornalistas. As convenções formariam um tipo de “catálogo de técnicas sociais” (Hennion, 2005, p. 14), mobilizadas de maneira individual e coletiva permitindo realizar algo da melhor forma possível dadas as condições do momento. Trata-se, aqui, de descrever o que se pode chamar de *presenças regulares no mundo* (Hennion, 2005, p. 14), articuladas pelos *profissionais integrados* (Becker, 1983) nos diferentes mundos do jornalismo. Alguns trabalhos já propõem pistas nessa direção. Assim, o trabalho de Becker sobre os mundos das artes, permitiria deslocar as observações de uma ideologia mítica sobre o papel individual do artista (ou do jornalista) (Ruellan, 2007), rumo a *“situações de interação responsáveis pela produção de obras”* (Bastin, 2003, p. 13), ou seja, da missão ao *métier*. *Quem faz o quê* é, portanto, uma tentativa de descrever de forma minuciosa os mundos (passados ou atuais) sempre dinâmicos, sempre processuais e sempre coletivos.

Becker (1982) indica que, embora as *convenções* sejam uniformes, elas não são rígidas ou imutáveis. As coisas podem mudar. As perspectivas em termos de mundos sociais destacam, assim, as dinâmicas de segmentação, de cruzamento entre diferentes mundos. Nesse sentido, Anselm Strauss explica que *“no interior de cada mundo social, representantes de micromundos debatem, negociam, disputam, constroem e manipulam tendo como base diversas questões”* (Strauss, 1992, pp. 276-277). Atores, grupos, organizações lidam com *“interesses distintos, contestam-se, fazem e desfazem alianças para fazer o que eles desejam”* (p. 277). Nesses mundos do jornalismo, como em outros domínios, *“nenhuma definição é definitiva [...] nenhuma fronteira é estável [...], nenhum princípio resiste a uma atividade em que tudo depende, em que tudo se arranja”*<sup>1</sup> (Hennion, 2004, pp. 169-170). Negocia-se com os *amadores* (Féron, Harvey, Trédan, 2015), colabora-se com os *hackers* (Dagiral, Parasie, 2011), com escritores, acadêmicos, intelectuais (Pereira, 2011), utiliza-se da *search engine optimization* (Sire, 2016), organiza-se o trabalho segundo a lógica das mídias sociais, dos dados, dos algoritmos (Lewis, Zamith, 2017), ou de qualquer outro mercado de trabalho particular (Pilmis, 2013). Ou seja, atores mais ou menos *integrados* atuam junto com outros atores que podem talvez ser qualificados como *aventureiros (mavericks)* (Becker, 1983), vindos de outros espaços. E é por meio da descrição dessas cooperações que é possível perceber como os mundos do jornalismo se movimentam. **Trata-se de descrever a evolução dos mundos do jornalismo, passados ou atuais (AXE 2)**: mundos que inovam, evoluem, aumentam, hibernam ou até desaparecem a partir do contato com outros mundos sociais,

---

<sup>1</sup> É dessa forma que Hennion fala dos mundos das artes, vistos a partir da perspectiva de Howard Becker (1989).

outras entidades, outros *cosmos* como diria Latour (2006). Eles se transformam com a aparição de novas formas de se fazer (novas técnicas, novos dispositivos, novas competências) e de novas maneiras de se ver (as normas sociais, as ideologias...)

É preciso ter em mente ainda **que uma análise do jornalismo em termos de mundos sociais pode ajudar a pensar os mundos do jornalismo tendo como base os usuários da informação (EIXO 3)**. Strauss explica que os leitores de uma mídia vinculada a um mundo social ou a um micromundo social não podem ser vistos como um agregado discreto de pessoas incapazes de partilhar o que elas leem (Anderson, 1983). Ele acredita que os leitores devem ser extremamente seletivos e reagem ativamente à leitura. *“Uma perspectiva em termos de mundo social nos lembra que os participantes podem trazer uma percepção e um julgamento ativos, bem como um saber mais amplo ou mesmo uma pesquisa sobre os acontecimentos de seus mundos sociais [...]. Os leitores serão bastante seletivos e reagem ativamente à leitura”* (Strauss, 1992, p. 279). Sobre o assunto, Dominique Pasquier precisa que *“essa abordagem analítica oferece reais potencialidades para se trabalhar com a recepção [...]. Ela incita a situar a análise em um nível micro [...]. Ela obriga a tratar das dimensões problemáticas dos processos de coordenação de das dimensões conflituosas das atividades de cooperação”* (Pasquier, 2004, p. 205). Seguindo, dessa forma, a lógica dos dois primeiros eixos, ficamos tentados a introduzir aqui os públicos da mídia, e a forma como os usos dos conteúdos midiáticos são desenvolvidos a partir de seus próprios mundos.

Este número busca contribuir para esclarecer o interesse em utilizar o conceito de mundo social, e também noções conexas (identidade, carreira, cultura, etc.) nos estudos sobre jornalismo. As contribuições para este dossiê especial da *Sobre Jornalismo* poderão consistir em estudos empíricos originais e/ou discussões teóricas sobre as contribuições dessa noção ao campo do jornalismo, bem como as suas possíveis aberturas.

### **Eixos propostos:**

1. Quem faz o quê? Pensar a atividade jornalística por meio dos mundos sociais.
2. Pensar a evolução, a mudança e a inovação no jornalismo por meio dos mundos sociais.
3. Pensar os usuários e os usos da informação por meio dos mundos sociais

**Submissão on-line dos artigos** (30 a 50 mil caracteres com espaço, incluindo referências e notas de rodapé) **até 15 de março de 2018** aos coordenadores do dossiê pelo e-mail:

[joel.langonne@gmail.com](mailto:joel.langonne@gmail.com)

[sclewis@uoregon.edu](mailto:sclewis@uoregon.edu)

[fabiop@gmail.com](mailto:fabiop@gmail.com)

[olivier.tredan@univ-rennes1.fr](mailto:olivier.tredan@univ-rennes1.fr)

Os artigos podem ser redigidos em **espanhol, francês, inglês e português**.

Os artigos serão avaliados pelo processo revisão anônima pelos pares.

*Sobre jornalismo – About journalism – Sur le journalisme* está indexada nas seguintes bases e repositórios de pesquisa: EBSCO Communication Source collection, [Archive ouverte en Sciences de l'Homme](#)

et de la Société (HAL-SHS), DOAJ, EZB (Elektronische Zeitschriftenbibliothek), Mir@bel, Sudoc, Sumários.Org, WorldCat (OCLC). Inscrite na lista de revistas qualificadas na França (HCERES). Avaliação Qualis-CAPES 2013-2016: B5

### **Bibliographie sugerida**

Anderson, B., 1983, *Imagined Communities. Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*, London, Verso.

Bastin G., 2003, “Un objet qui résiste : le journalisme dans la sociologie bourdieusienne”, versão em francês de “Der Journalismus in der Bourdieuschen Soziologie : Ein Gegenstand, der Widerstand leistet. Einige Bemerkungen über das Feld des Journalismus », *Publizistik*, 48(3).

Bastin G., 2009, « Codes et codages professionnels dans les mondes de l'information », *Réseaux*, vol. 5 n° 157-158, p. 191-211

Becker H. S., 1982, *Art Worlds*, Berkeley and Los Angeles, University of California Press.

Becker, H. S., Pessin, A., 2006, « Dialogue sur les notions de Monde et de Champ », *Sociologie de l'Art*, vol.1, n°8, pp. 163-180

Becker, H. S., 1983, « Mondes de l'art et types sociaux », *Sociologie du travail*, vol. 25., n°4, pp. 404-417.

Becker, H. S., McCall, M. (Orgs.), 1990, *Symbolic interaction and cultural studies*, Chicago & Londres: The University of Chicago Press.

Cefaï, D., 2015, « Mondes sociaux », *SociologieS* [On-line], Dossiers, Pragmatisme et sciences sociales : explorations, enquêtes, expérimentations [On-line] <http://sociologies.revues.org/4921>

Dagiral, E., Parasie, S., 2011, “Portrait du journaliste en programmeur. L'émergence d'une figure du journaliste hacker “, *Les cahiers du journalisme*, n°22-2

Féron, B., Harvey, N., Trédan, O., 2015, *Des amateurs dans les médias*, Paris, Presse des Mines.

Flichy P., 1995, *L'innovation technique*, Paris, La Découverte.

Gilmore, S., 1990, “Art worlds: developing the interactionist approach to social organization”, in: H. S Becker, & M. M. McCall (Eds.), *Symbolic interaction and cultural studies*, Chicago & Londres, The University of Chicago Press, pp. 148-178.

Hennion, A. 2004. Une sociologie des attachements. D'une sociologie de la culture à une pragmatique de l'amateur. *Sociétés*, 85, 9-24, DOI : 10.3917/soc.085.0009.

Langonné Joël, 2014, « L'impossible « dernier mot ». La maquette du journal : un outil partagé », *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo* [On-line], Vol 3, n°1, pp. 18-29. URL : <http://surlejournalisme.com/rev>

Lewis, S. C., & Westlund, O., 2015, “Actors, actants, audiences, and activities in cross-media news work: A matrix and a research agenda”, *Digital Journalism*, 3(1), 19-37, doi:10.1080/21670811.2014.927986

Lewis, S. C., & Zamith, R., 2017, “On the Worlds of Journalism”, in: P. J. Boczkowski & C. W. Anderson (Eds.), *Remaking the News: Essays on the Future of Journalism Scholarship in the Digital Age*. Cambridge, MA: MIT Press, pp. 111-128.

Matin, L., 2005, « Henri Jeanson, homme de presse, de cinéma et de théâtre, 1900-1939 », in: D. Cooper-Richet, J.-Y. Mollier, A. Silem (Org.), *Passeurs culturels dans le monde de l'édition et des médias en Europe aux XIXe et XXe siècles*, Presses de l'Enssib

Menger P.-M., 2009, *Le travail créateur. S'accomplir dans l'incertain*, Paris, Gallimard-Seuil, coll. « Hautes études »

Pasquier D., 2004, “La télévision comme expérience collective : retour sur les mondes de l'art”, in A. Blanc et A. Pessin (Orgs.), *L'art du terrain. Mélanges offerts à Howard Becker*, Paris, l'Harmattan

Pereira, F. H., 2011, *Jornalistas-intelectuais no Brasil*, São Paulo, Summus.

Ruellan, D., 2007, *Le professionnalisme du flou*, Grenoble, PUG.

Pilmis, O., 2013, *L'intermittence au travail*, Paris, Economica.

Sire, G., 2016, *Les moteurs de recherche*, Paris, La Découverte, coll. Repères.

Strauss, A. 1992a, *Miroirs et masques : une introduction à l'interactionnisme*, Paris, Métailié.

Strauss, A. 1992b, *La trame de la négociation, sociologie qualitative et interactionnisme*, L'Harmattan, coll. Logiques sociales.

### *Sobre jornalismo – About Journalism – Sur le journalisme...*

...é um **local de encontro** de diferentes tradições e interesse de pesquisa de realidades históricas distintas. Os estudos em jornalismo têm se estruturado a partir de epistemologias, de abordagens e de metodologias que moldam as produções científicas nacionais e os contextos lingüísticos. A Revista garante a repercussão das práticas e dos resultados das produções científicas nacionais a partir de um posicionamento marcadamente internacional. Em um contexto de mundialização e de homogeneização relativa dos sistemas midiáticos e das práticas jornalísticas, o periódico *Sobre o Jornalismo* traz um olhar sobre as convergências e resistências das culturas jornalísticas e científicas.

A revista é um **espaço** dedicado à **ciência**. Conduzida por um comitê editorial (de quatro editores) encarregado de facilitar essas trocas, conta com o trabalho coletivo de conselhos científicos compostos de pesquisadores europeus, latino-americanos e norte-americanos. Os membros desses conselhos são personalidades reconhecidas pela qualidade de suas pesquisas e pelo olhar internacional e interdisciplinar sobre os trabalhos realizados no campo do jornalismo.

A revista é serve como **trampolim** para a publicação de trabalhos inovadores, de olhares transdisciplinares e de pesquisas produzidas por estudantes de pós-graduação. Publicada em versão impressa e on-line, será constituída de dossiês temáticos em torno de problematizações precisas, com o objetivo de difundir resultados originais do ponto de vista teórico e/ou metodológico. Resultados de pesquisas de mestrado, relatórios de estudos científicos, notas de campo e de corpus também encontram espaço de difusão na revista.

O periódico é um **espaço de encontro** de demandas, olhares e de pesquisadores que encontram na publicação um local estímulo à produção científica. O primeiro número da revista será publicado em janeiro de 2012.

#### **Editores:**

François Demers (Université Laval, Canada), Florence Le Cam (Université Libre de Bruxelles, Belgique), Fabio Pereira (Universidade de Brasília, Brasil), Denis Ruellan (Université de Rennes 1, France).

#### **Conselhos científicos / Editorial board / Conseils scientifiques**

Zélia Leal Adghirni (Universidade de Brasília, Brasil), Henri Assogba (Université Laval, Canada), João Canavilhas (Universidade da Beira Interior, Portugal), Jean Charron (Université Laval, Canada), Rogério Christofolletti (Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil), Béatrice Damian-Gaillard (Université de Rennes 1, France), Salvador De León (Universidad Autónoma de Aguascalientes, Mexico), Juliette De Maeyer (Université de Montréal, Canada), Javier Diaz Noci (Universidad Pompeu Fabra, España), David Domingo (Université libre de Bruxelles, Belgique), Chantal Francoeur (Université du Québec à Montréal, Canada), Marie-Soleil Frère (Université libre de Bruxelles, Belgique), Mike Gasher (Concordia University, Canada), Gilles Gauthier (Université Laval, Canada), María Elena Hernández Ramirez (Universidad de Guadalajara, Mexico), Thais de Mendonça Jorge (Universidade de Brasília, Brasil), Eric Lagneau (LIER – EHESS, France), Sandrine Lévêque (Université de la Sorbonne, France), Kenia Beatriz Ferreira Maia (Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil), Pere Masip Masip (Universidad Ramon Llull, España), Cláudia Mellado Ruiz (Universidad de Santiago, Chile), Dione Oliveira Moura (Universidade de Brasília, Brasil), Véronique Nguyen-Duy (Université Laval, Canada), Greg Nielsen (Concordia University, Canada), Raúl Hernando Osorio Vargas (Universidad de Antioquia, Colombia), Sylvain Parasie (Université Paris-Est, France), Laura Pardo (Universidad de Buenos Aires, Argentina), Valérie Jeanne Perrier (Université Paris-Sorbonne, France), Guillaume Pinson (Université Laval, Canada), Mauro Pereira Porto (Tulane University, USA), Franck Rebillard (Université Sorbonne nouvelle, France), Viviane Resende (Universidade de Brasília, Brasil), Rémy Rieffel (Université Panthéon-Assas, France), Roselyne Ringoot (Université Grenoble Alpes, France), Julien Rueff (Université Laval, Canada), Eugénie Saitta (Université de Rennes 1, France), Lia Seixas (Universidade Federal da Bahia, Brasil), Nikos Smyrniotis (Université Toulouse 3, France), Jean-François Têtu (IEP de Lyon, France), Marie-Eve Thérenty (Université Paul Valéry, France), Annelise Touboul (Université de Lyon 2, France), Adeline Wrona (Université Paris-Sorbonne, France)

<http://surlejournalisme.com/rev>